A 'língua materna' e a 'língua da mãe': um ensaio a partir das contribuições de Ferenczi e Winnicott

LUIZA MOURA*

RESUMO - Partindo das ideias de Sándor Ferenczi e de Donald Winnicott, a autora faz uma contribuição pessoal trazendo reflexões sobre os contrastes entre o que ela denomina: a "língua materna" e a "língua da mãe". A "língua materna" seria relacionada à capacidade do adulto de desempenhar um cuidado "anônimo" e "silencioso" nos primeiros tempos de um bebê. Enquanto que a "língua da mãe" seria o fracasso do ambiente em suportar o não reconhecimento, caracterizaria-se pela imposição de uma presença "ruidosa" do cuidador. Estas incapacidades do adulto exigiriam da pequena criança uma organização reativa em nome da sobrevivência, na qual ela passaria a ser a cuidadora, atenta na tentativa de controlar um ambiente imprevisível. Nestas circunstâncias adversas, a criança será desapropriada de sua própria infância.

PALAVRAS-CHAVE – Dependência. Ilusão. Submissão. Confusão de língua. Trauma.

"Maternal language" and "mother language": an essay from the contributions of Ferenczi and Winnicott

ABSTRACT - Starting from the ideas of Sándor Ferenczi and Donald Winnicott, the author makes a personal contribution bringing reflections on the contrasts between what she calls the "maternal language" and the "mother language". The "maternal language" would be related to the adult's ability to perform "anonymous" and "silent" care in the early stages of a baby. While the "mother language" would be the failure of the environment to support non-recognition, it would be characterized by the imposition of a "noisy" presence of the caregiver. These adult disabilities would require of the young child a reactive organization in the name of survival, in which it would become the caretaker, attentive on trying to control an unpredictable environment. In these adverse circumstances, the child will be dispossessed of its own childhood.

KEYWORDS – Dependence. Illusion. Submission. Language confusion. Trauma.

* Psicóloga clínica, bacharel em comunicação social. Autora do livro " Ferenczi e Winnicott: análise de adultos na língua da infância (2018) e do livro infantil " Uma coisa bem pequena e sem nome" (2011).

Introdução

“Essa falta de apreensão de sua própria infância é o obstáculo maior que impede os adultos de compreender as questões essenciais” (Ferenczi, 1927)

“É muito difícil chegar ao âmago da questão, mas numa discussão como esta, precisamos tentar” (Winnicott, 1957)

As reflexões acerca de uma distinção entre “língua materna” e “língua da mãe” nasceram do estudo do pensamento de Sándor Ferenczi, Donald Winnicott e das contribuições de outros tantos autores que, diante das psicopatologias de difícil acesso, sentiram a mesma inquietação: uma necessidade da recondução do conceito de trauma real para o centro do entendimento dos quadros graves.

Graças às contribuições destes pensadores, a psicanálise, na atualidade, já abarca a ideia de que as questões sobre dependência, vulnerabilidade e o risco de submissão e sobreadaptação na infância - mediante um ambiente humano incapaz de despende cuidados - podem auxiliar no entendimento e no tratamento de casos em que a teoria e a técnica clássica não se mostram eficazes.

As conceituações sobre “a língua” e “a comunicação” são bastante relevantes na obra de Ferenczi e Winnicott, com amplos significados que pretendo retomar brevemente.

O tema da “submissão” nas reflexões de Ferenczi e Winnicott

O alerta sobre uma “confusão de língua” entre os adultos e as crianças, entre os analistas e seus pacientes, onde a tirania preponderaria ao cuidado e onde a hipocrisia se imporia ao genuíno, foi o tema do último e mais representativo artigo de Ferenczi, “Confusão de língua entre os adultos e as crianças - a linguagem da ternura e da paixão -” (1932/1992). O subtítulo escolhido pelo autor apresenta uma dualidade que assinala a ideia de Ferenczi de que a intimidade de uma criança é constituída por especificidades comuns à infância, à inocência, à ternura; diferenciando-se do mundo interno adulto onde as paixões, os desejos e os prazeres passam a existir e se representar.

A preocupação de Ferenczi foi de contribuir para que a infância pudesse ser vista em sua dimensão própria e não correr o risco de ser interpretada e falsamente compreendida através de conceitos “adultificantes”. Ou seja, o autor húngaro identificou, que o mundo adulto, por uma questão de despreparo ou adocimento, pode vir a submeter a infância a uma língua que lhe é absolutamente estranha.

Em um texto de 1915, que pertence à segunda fase de sua obra, Ferenczi já demonstrava sua preocupação com a submissão. No artigo “Anomalias psicogênicas da fonação” (1915/1992), o autor húngaro relata dois casos de rapazes que chamaram sua atenção. Um deles apresentava sintomas paranoides e, o outro, sintomas fóbicos. Ambos vieram às primeiras consultas com suas mães, os dois

jovens apresentavam oscilação na voz, entre soprano e barítono, como é comum em meninos na adolescência. Porém, as duas mães se queixaram da voz grossa do filho, identificando-a como uma manifestação agressiva contra elas. Nas palavras de Ferenczi, uma delas: “chamava à ordem seu filho, com frequência: ‘Não suporto essa voz, você tem que perder o hábito de falar neste tom!’” (Ferenczi, 1992, vol. II, p. 178). O autor percebeu, com o passar do tempo, que os dois pacientes forçavam a voz de soprano sempre que queriam agradá-lo durante as sessões. Diante da observação desta “autoplastia”, a hipótese de Ferenczi foi que, através da manutenção da voz infantilizada (ou afeminada), os rapazes se adaptavam e tentavam evitar confrontos, “por amor à mãe”.

Winnicott em “A reparação em função da defesa materna organizada contra a depressão” (1948/1993) traz um exemplo muito ilustrativo sobre os riscos da adaptação que pode ser processada dentro da criança, mediante uma necessidade da mãe. O autor conta que, no início de sua carreira como pediatra, recebeu, no ambulatório, um menininho que chegou sozinho ao hospital e lhe disse: “Por favor, doutor, minha mãe se queixa de uma dor no meu estômago”. Winnicott comenta: “Isto consegui chamar minha atenção para o papel que a mãe pode desempenhar” (1948/1993, p. 198).

Em “A experiência mãe-bebê de mutualidade” (1969/1994), Winnicott faz referência, de forma bastante clara, às questões que lhe ocupam em termos de comunicação, fracasso na comunicação, trauma e submissão.

Ao falar de “cuidado básico”, escreve: “Estas técnicas primitivas que têm a intercomunicação como subproduto conduzem naturalmente a interações ainda mais primitivas ou fundamentais que têm a natureza de comunicações silenciosas, ou seja, a comunicação só se torna ruidosa quando fracassa” (Winnicott, 1969/1994, p. 200).

E Winnicott segue: “Tentei alhures desenvolver o tema dos processos desenvolvimentais do bebê que, para tornarem-se reais, precisam de sustentação da mãe. A “comunicação silenciosa” é uma comunicação de confiabilidade que, na realidade, protege o bebê quanto a *reações automáticas* às intrusões da realidade externa, com estas reações rompendo a linha de vida do bebê e constituindo traumas. Um trauma é aquilo contra o qual um indivíduo não possui defesa organizada [...]” (Idem, p. 201).

E completa seu pensamento falando de bebês que foram “significativamente desapontados”: “[...] vivenciaram o trauma e suas personalidades têm de ser construídas em torno de reorganização de defesas mais primitivas, tais como a cisão de personalidade” (Ibidem, p. 201).

Os escritos de Winnicott sobre “comunicação silenciosa” e “comunicação ruidosa” e a ideia de Ferenczi sobre “a linguagem da ternura e da paixão”, somados a outros importantes conceitos, levaram-me a pensar nos primeiros contatos da mãe com seu bebê em termos de uma “língua da intimidade”. Uma “língua” totalmente dependente do tom, do ritmo, das feições; uma “língua aberta” que, ao permitir o “vazamento” dos afetos, também favorece o “borramento” dos

limites. Ou seja, a “língua da intimidade” é prioritariamente um contato afetivo, mesmo antes de ser uma comunicação, ela pode vir a ser a via condutora para a aquisição dos símbolos ou, em situações adversas, justamente, perturbar a caminhada da criança em direção à capacidade simbólica. Ela tem o poder de libertar ou aprisionar. A “língua” “dos inícios” - fazendo uma alusão a Winnicott de que “o início é uma soma de inícios” (1945/1993) - é uma “língua” precária, envolvida em sensações, cheiros, penumbras, texturas e tons; de tão imprecisa pode deslizar, com precisão, para a intimidade da infância.

A “língua” dos primeiros tempos abre o caminho para o amadurecimento, mas traz consigo o risco da sedução e da manipulação, ou seja, o risco da interrupção do próprio amadurecimento – o que, para Winnicott, é sinônimo de adocimento .

A “língua materna” e a “língua da mãe”

Neste ponto, talvez seja útil uma distinção entre “língua materna” e “língua da mãe”. Proponho pensarmos na expressão “língua materna” como que dizem respeito a uma função de cuidado desempenhado na mais alta adaptação ativa do adulto (“Preocupação materna primária”, Winnicott, 1956/1992). A qual envolve a capacidade de tolerar não ser ouvido, de não impor a sua presença, de não ser percebido prematuramente. A “língua materna” não existiria para o bebê como tal, ela seria “criada” pelo bebê, num espaço e num tempo de previsibilidade, repetição e monotonia, ou seja, “dentro do espaço de onipotência” do bebê (Winnicott, 1963/1994). O esperado é que esta “língua” não seja propriedade da mãe, mas algo novo a ser compartilhado. A “língua materna” seria a mais pura e simples “língua da infância”, não deixaria registros, sua existência valorosa está em “não existir, até que o bebê seja capaz de criá-la”, conforme o conceito de “ilusão” de Winnicott (1971/1975).

Por outro lado, a “língua da mãe” seria a “língua” que existe como imposição, apresenta-se e, ao se apresentar prematuramente, invade, confunde e ensurdece. Esta é a “língua” de quem não suportou cuidar de seu bebê anonimamente, de quem não suportou a solidão e o não reconhecimento. A “língua” de quem arrancou o bebê do descanso para colocá-lo onde “melhor lhe pudesse servir” (“Demanda da dependência revertida”, Raquel Goldstein, 1994/2011).

Esta incapacidade do adulto pode dar início a uma série de perturbações que envolvem a submissão, a sobreadaptação e o prejuízo em termos de aquisições simbólicas.

O ingresso no mundo simbólico, segundo Ferenczi, será garantido pela capacidade dos adultos cuidadores de organizar o mundo, de forma simplificada para receber o pequeno bebê. Nas contribuições de Winnicott, a capacidade criativa será oportunizada por um ambiente que se adaptou às necessidades do bebê, somente a ilusão poderá permitir que a desilusão venha a ser vivida como

uma experiência. Ou seja, para estes autores: a “onipotência sustentada pelos adultos” (Ferenczi, 1913/1992 e Winnicott, 1960/1990); ou a “ilusão sustentada pelo ambiente” (Winnicott, 1971/1975); dará origem ao simbólico. E é, justamente, a aquisição do simbólico que tornará a criança e o adulto, capazes de tolerar a quebra da onipotência e a desilusão, mantendo a confiança em si e no mundo e seguindo “rumo à independência” (Winnicott, 1963/1990).

A “língua da mãe” seria o avesso da oportunidade do simbólico, seria a morte do genuíno e do espontâneo. O adulto frágil ou doente se impõe e soterra a promessa da infância. A criança ameaçada se adaptará ativamente, autoplásticamente (Ferenczi, 1932/1992), a uma “voz” que não é a sua, a uma “língua” que não é a sua, a uma necessidade que não lhe pertence e sorrirá um sorriso que não é o seu. Sentirá a culpa do adulto que não conseguiu ser responsável. Sofrerá a dor do outro. E cuidará de quem deveria cuidá-la.

Referências

- Ferenczi, S. (1992). *Obras Psicanalíticas Completas*. São Paulo: Martins Fontes
- Goldstein, R. (1994/1911) El niño como objeto transicional de La madre: demanda da dependência revertida. *Publicação RABISCO: revista de psicanálise*, v. 1. n. 1, 33-45.
- Moura, L. (2004). Crianças que cuidam. *Publicação CEAPIA: Revista de Psicoterapia da Infância e Adolescência*, 13, 60-65.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1990). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1993). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.